

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras nos anos de 2016 e 2017.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLV

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/10.58164/gz33-7r23>

Valentim Paz-Andrade e a Academia Galega da Língua Portuguesa

ÂNGELO CRISTÓVÃO

Valentim Paz-Andrade é lembrado essencialmente por duas facetas desenvolvidas ao longo da sua vida, a empresarial e a cultural. Foi um empreendedor, um promotor de ideias e projetos que tinham a sua base na Galiza e as relações bem assentes numa perspetiva internacional. Projetos empresariais que ele promoveu e liderou permanecem vivos e em desenvolvimento, com presença em vários continentes.

Paz-Andrade é um modelo do melhor passado de onde tirar inspiração e coragem para iniciativas que, num primeiro momento, podem parecer difíceis ou mesmo impossíveis. O nosso autor publicou o seu livro *Galicia como Tarea*, em Buenos Aires, em 1959. Nele analisou a potencialidade do seu país e os principais problemas aos que se defrontava na altura. A emigração e o seu impacto económico e demográfico, a dispersão rural e a concentração urbana, a necessidade da industrialização e mesmo as questões culturais e linguísticas tão atuais então como agora. Explicou as vantagens derivadas do facto de o galego fazer parte do diassistema linguístico do português e não deixou de criticar posições encerradas num isolacionismo improdutivo. Imaginou um futuro em que a variedade galega da nossa língua se situasse a par das outras já reconhecidas, as de Portugal e do Brasil, pela via de uma aproximação necessária. Como homem de empresa tinha também uma visão prática dos problemas, sendo consciente de que, para transitar dos planos à realidade, para a recuperação efetiva do galego como língua normal na Galiza, eram precisos uns passos determinados. Em coerência com o seu percurso intelectual, em 1986 aceitou ser Vice-Presidente da Comissão Galega do Acordo Ortográfico, entidade da sociedade civil presidida por Ernesto Guerra da Cal, que participou, em qualidade de observadora, nas reuniões conducentes ao Acordo Ortográfico do Rio de Janeiro, por convite da Academia Brasileira de Letras. Esta presença

galega continuou nas reuniões que conduziram ao Acordo de 1990, aqui, na Academia das Ciências de Lisboa, participando como “Delegação de Observadores da Galiza”. Paz-Andrade era consciente, portanto, da necessidade de decidir em comum a ortografia da nossa língua, deixando atrás a etapa das políticas unilaterais.

Durante a maior parte do século XX predominou nos ambientes intelectuais galegos a ideia de estar a falar a mesma língua portuguesa e não outra diferente. Infelizmente, até bem entrada a década de 60, os estudos filológicos estavam longe de atingir a intensidade desejada. Também carecíamos de um modelo de língua, um padrão escrito e oral bem estabelecido e aceite na comunidade de utentes.

Nestas condições, na altura da instauração do sistema político das autonomias, no início da década de 80, o galego, o português da Galiza, sofreu os efeitos de diversas correntes de pensamento que o afastaram do modelo das línguas nacionais europeias. Uma linha filosófica e linguística substituiu a distinção clássica entre palavras e cousas por uma guerra contra as palavras. Disso se derivam posicionamentos sociopolíticos pretensamente progressistas e igualitários, segundo os quais utilizar sintagmas nominais como “língua de cultura” seria equivalente a usar “conceitos ligados a prejuízos linguísticos”, “conceitos que — dizem alguns — respondem a articulações ideológicas uniformizadoras, de superioridade cultural e política”. Tudo isso sem oferecer um modelo alternativo, sem reparar em que uma mudança de palavras não consegue mudar a realidade de forma mágica e, talvez, tenha o efeito de desviar-nos da tarefa principal, que é dar uma solução real e efetiva à situação de desvantagem que a língua da Galiza tinha à partida.

Acrescenta-se a isto o facto de que, durante as últimas décadas, âmbitos universitários galegos fomentaram um conceito de língua fraco, subordinando a escrita à oralidade, a uma oralidade interpretada e transcrita à luz de uma determinada corrente filológica dialetal sediada na Universidade de Santiago. O valor instrumental, comunicativo da língua, não parecia ter importância. A distinção entre níveis de uso não parecia uma tarefa urgente, já que a palavra de ordem era a preservação da autenticidade da fala popular. Em definitivo, o português da Galiza foi vítima do populismo, o facilitismo, a demagogia, o abuso de um

relativismo cultural mal-entendido. Um dos efeitos foi o afastamento do português padrão através de decisões políticas erradas.

Pessoas e entidades culturais continuadoras do pensamento de Valentim Paz-Andrade, como também de Ernesto Guerra da Cal, Ricardo Carvalho Calero ou Jenaro Marinhas del Valle, encontramos-nos envolvidas na questione della lingua por um compromisso ético e cívico. Um compromisso que exigiu, em primeiro lugar, um esforço de compreensão intelectual. Era preciso entender como e por que a comunidade dos falantes do português da Galiza tinha chegado a essa situação. Dessa atividade é prova uma bibliografia destacada no âmbito da filologia, a linguística e a sociolinguística. Em segundo lugar, e não menos importante, uma extensa e continuada atividade cultural, à margem de qualquer apoio institucional. É o denominado Reintegracionismo ou Movimento Lusófono Galego.

O trabalho desenvolvido pelas entidades Pró-Lusófonas, que nunca procuraram associar-se a nenhum partido ou ideologia política exclusiva, começa agora a converter-se num movimento geral, indo da periferia ao centro, sendo identificado com o interesse geral do país. O que até há pouco tempo era defendido só por um grupo de entidades privadas, agora está a ser assumido pela opinião pública e as instituições oficiais da Galiza.

A recente aprovação da lei 1/2014 de 8 de abril, Lei Para o Aproveitamento da Língua Portuguesa e Vínculos com a Lusofonia, ou Lei Paz-Andrade, pela unanimidade dos deputados do Parlamento Autónomo da Galiza, representa uma mudança significativa na orientação da política linguística e na estratégia global da Comunidade Autónoma galega, que precisa de concretização através de ações do governo e da imprescindível colaboração da sociedade civil. A base deste sucesso reside no trabalho do Movimento Lusófono Galego e nas mais de 17000 assinaturas de cidadãos que apoiaram a Iniciativa Legislativa Popular Valentim Paz-Andrade.

Três áreas de intervenção foram dispostas na lei: a) Introdução do ensino do português no sistema escolar galego; b) Produção, intercâmbio e divulgação de produtos audiovisuais em português nas televisões e rádios da Galiza; c) Participação da Galiza em foros internacionais de língua portuguesa.

A Lei, aprovada por unanimidade dos deputados em março de 2014, foi publicada no Diário Oficial da Galiza e posteriormente no Boletim Oficial do Estado

espanhol, entrando em vigor sem que o governo de Madrid tenha apresentado reparo algum ao seu conteúdo, o que constitui outra prova da abrangência do consenso que esta iniciativa tem gerado. Porque não se trata de avançar contra ninguém, mas a favor das potencialidades que nos dá o facto de os galegos falarmos uma língua com projeção internacional, nos permite o acesso direto a um mercado potencial de 350 milhões de utentes, algo nada desprezível num mundo globalizado que precisa do aproveitamento de todos os recursos disponíveis para o desenvolvimento da sociedade.

Por outro lado, a ninguém escapa que o período de políticas de afastamento em relação ao espaço lusófono, desenvolvidas durante as últimas três décadas pelos sucessivos governos autónomos galegos criou uma rede de interesses que, nesta altura, manifesta uma evidente resistência à mudança, resultando difícil de ultrapassar no curto prazo.

Quanto à Academia Galega da Língua Portuguesa, a recente revisão, ampliação e adaptação do Dicionário Estraviz ao Acordo Ortográfico, com o apoio da AGAL e a Fundação Meendinho, sendo o maior dicionário galego disponível gratuitamente na internet, mostra da capacidade para contribuir de forma coordenada, eficaz e atual aos reptos que temos no presente. O Vocabulário Ortográfico Galego, com 154000 entradas, sob a direção do académico Carlos Durão, completa o perfil lexicográfico básico do português da Galiza. A Academia Galega cumpre assim um compromisso adquirido pela Delegação de Observadores galegos durante o processo de aprovação do Acordo Ortográfico de 1990, cujo texto previa a criação de um Vocabulário Ortográfico Comum (VOC). O trabalho académico está finalizado. Falta só acrescentá-lo ao VOC.

A exceção linguística da Galiza em relação ao português vem determinada pela sua origem histórica, dado que o português nasceu no território da antiga Gallaecia. Os galegos não precisam de uma explicação sobre a saudade, ou uma lição sobre o vocabulário básico da língua porque, faz parte do nosso ser e estar no mundo. Uma maioria esmagadora dos nossos alunos entram diretamente no nível intermédio dos estudos de Português. Poderíamos dizer que, para serem competentes do ponto de vista académico, o que necessitam propriamente é aprender gramática. E isto vai ser facilitado pela aplicação da Lei Paz-Andrade.

Disse Castelão que a Galiza poderia ser ponte entre o mundo de língua espanhola e o de língua portuguesa, e essa afirmação foi assumida de modo geral no âmbito cultural e político galego. Estamos na altura certa para iniciar a sua concretização. Por outro lado, a aproximação da Galiza em relação à Lusofonia, no plano discursivo, está plena de argumentos do passado. Ora bem, se pretendemos construir o futuro, assinalar um discurso onde os factos históricos são tudo, são determinantes, pode acarretar, talvez, deixar as pessoas que hoje estão aqui, e os nossos desejos e interesses, num segundo ou terceiro plano. Pensemos num futuro que não esteja ancorado, determinado ou hipotecado pelo *statu quo* que a história nos deixou.

Em termos culturais os galegos estão entrando numa nova etapa. A lei Paz-Andrade, como concretização de um acordo político, cria um contexto propício para o acordo e o consenso. Mas consenso não significa necessariamente unanimidade porque, de facto, algumas entidades e personalidades galegas parecem preferir ficar à margem da letra e do espírito desse texto legal. Não se trata de um caminho fácil nem imediato, contudo parecem estar sentadas as bases para uma mudança de ciclo. A Galiza encaminha-se a participar no espaço lusófono. Até há poucos anos as iniciativas vinham de entidades da sociedade civil e algumas câmaras municipais, estabelecendo esse relacionamento através de congressos, conferências, encontros musicais, concursos literários, etc. Agora tudo isso tem também o acompanhamento legal e o acordo político de todos os agentes com capacidade legal e prática para intervir. E parece que também o mundo institucional galego se quer incorporar a esta viagem.

Neste processo defrontamos alguns riscos. Partindo do princípio de que a unidade da língua é compatível com a diversidade de normas nacionais, é necessária alguma flexibilidade para a incorporação de uma Galiza que andou por uma diáspora secular e agora está tentando encontrar o seu espaço no mundo da língua portuguesa, em cuja criação foi determinante há vários séculos. Mas essa flexibilidade não pode implicar de modo algum a legitimação de posições linguísticas insolidárias que põem em risco a unidade da língua escrita.

Minhas Senhoras e meus Senhores, neste caminho é preciso ir ao encontro de projetos integradores, onde todos tenhamos um espaço institucional reconhecido

tanto na Galiza como no exterior e, portanto, uma possibilidade para contribuir eficazmente ao conjunto. É preciso um esforço para ultrapassar as divisões do passado. Estamos disponíveis para essa tarefa e, com a ajuda de todos os presentes, estou certo de que se poderá conseguir.

MUITO OBRIGADO.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO COLÓQUIO “A LÍNGUA PORTUGUESA NA GALIZA”
DE 14 DE JULHO DE 2016)